



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6149 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 13 - Educação de Jovens e Adultos

MARIA, MARIAS... NARRATIVAS DAS APRENDIZAGENS DE UM GRUPO DE IDOSAS GAÚCHAS NO PROCESSO DO TORNAR-SE MULHER

Adriana da Silva Lessa - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MARIA, MARIAS... NARRATIVAS DAS APRENDIZAGENS DE UM GRUPO DE IDOSAS GAÚCHAS NO PROCESSO DO TORNAR-SE MULHER

“*É preciso ter força*” ao som da música “Maria, Maria”, de Fernando Brant e Milton Nascimento, eternizada na voz de Elis Regina, que convido quem lê a primeiramente lembrar dessa canção para adentrar no universo de recordações que o presente texto busca compartilhar. O trabalho é o recorte inicial da minha pesquisa de doutorado, em que me encontro imersa. Tenho me aproximado de um grupo de idosas há três anos construindo uma relação de confiança e amizade, com o objetivo de analisar a transgeracionalidade das vivências femininas, bem como a minha própria história e de familiares, colegas e amigas mulheres, nos relatos das companheiras de grupo. É a partir da percepção das nossas semelhanças no transcorrer das trocas das mais diversas histórias de ser mulher que o interesse por tais sujeitos de pesquisa e pela metodologia autobiográfica se efetivou. As mulheres em questão organizam atividades há vinte anos, onde algumas já eram idosas e outras adultas tardias. A minha inclusão nesse grupo se deu através de ações de voluntariado e, posteriormente com a formação de um sólido vínculo, sendo inserida nas demais atividades grupais, tais como grupo de música, exercícios e viagens, para além do campo institucional. Por meio desse vínculo e tendo concluído o mestrado em Gerontologia, por meio de um estudo estatístico, ficaram outros questionamentos que me trouxeram para o doutorado em Educação e entre várias perguntas aponto: as atividades educativas realizadas junto ao grupo de idosas fomentam que elas contem sobre suas experiências/histórias de vida? Os objetivos da pesquisa são de analisar as distintas formas que as idosas contam sobre as atividades que desenvolvem no grupo analisando com elas o quanto elas vislumbram o hoje tendo as suas experiências como parâmetro na postura de serem mulheres que aprendem a ser ou não autônomas.

“*É preciso ter gana sempre*” com a aproximação que já existe entre nós, observo a liberdade de compartilhamento de vivências e permissão da demonstração dos afetos construídos. Desse modo opto pela metodologia autobiográfica, que pressupõe um percurso participante e a possibilidade de sistematizar recortes das histórias vividas das participantes que aceitarem o convite para serem entrevistadas. Nessa abordagem o ouvir é mais importante

do que o perguntar ou emitir opiniões (SOUZA, 2018). De certa forma, há um misto de fascinação e medo para ser entrevistadora, mas também entrevistada, e essa experiência será totalmente nova para mim. Portanto, farei a experiência de “*misturar a dor e a alegria*”.

O processo de envelhecimento que o país já iniciou, deixando de ser uma república composta de jovens para se tornar um país majoritariamente idoso (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018), indica também que temos a feminização do envelhecimento, pois as mulheres constituem a maior parte da população idosa brasileira, vivendo de cinco a sete anos mais que os homens. No grupo que convivo é perceptível essa realidade, pois a participação é massivamente de mulheres, em torno de trinta participantes ativas, enquanto apenas quatro homens estão vinculados à atividade com faltas constantes aos encontros. Os relatos de ambos demonstram falas carregadas de introjeções sociais e preconceitos relacionados ao gênero, sempre de forma dicotômica.

A escuta que pretendo exercitar buscará organizar um espaço acolhedor que proporcione às idosas a liberdade de expressar seus sentimentos, mesmo quando divergentes do ideal de desconstrução. Buscarei preconizar atividades educativas inspirada nos ensinamentos freireanos, onde a participante possa compartilhar vivências, favorecendo a escuta ativa de suas histórias pregressas, validando suas identidades, fortalecendo o vínculo, possibilitando interações espontâneas e a autonomia dessas mulheres. Uma vez realizadas essas atividades junto com entrevistas que poderão ser individuais ou até em grupos, buscarei sistematizar eixos temáticos para o estudo das experiências educativas que as mulheres me contarem.

Aprendo com as Marias que “*é preciso ter sonho sempre*”. A discussão e os resultados da pesquisa são preliminares, visto que é recente a escolha do grupo como amostra de pesquisa, e que a partir de agora trabalho nas pequenas anotações realizadas em encontros passados pelo hábito de escrita da profissão. Adentro meus diários de campo de atividades em que já pude escolher algumas afirmações que percebo poderosas. Elas denotam as vulnerabilidades enfrentadas no percurso de vida das idosas, suas potencialidades, capacidades de resiliência e empoderamento após diversas libertações dos “cativeiros das mulheres” identificados por Marcela Lagarde y de los Ríos (2005) em que explicita as opressões de gênero nas histórias de vida das mulheres mexicanas. São as “caixinhas” limitadoras das relações de gênero aprendidas diuturnamente: *madresposas*, freiras, putas, presas e loucas. Conceitos simbolicamente introjetados socialmente para que não nos desviemos desses papéis delimitados pela hegemonia patriarcal.

No ato de estudar Lagarde (2005) o relato de Maria Vitória (fictício), que me aconselha a fugir do cativeiro da *madresposa*: “*guria, deixa eu te dizer, não cai nesse papo de casamento. Namora, passeia, mas casar, não! Eu depois que envievei só namoro, morar junto com alguém nunca mais! Escuta o que tô te falando!*” Ao abrir-se e aconselhar-me, ela demonstra todo o sofrimento e abdições que teve de fazer na sua juventude. Contou-me dos muitos cuidados com o marido e os filhos e o pouco tempo para si mesma. Foi na viuvez e na velhice que teve a tão sonhada liberdade e, agora, sugere que eu não passe pelas mesmas frustrantes experiências em minha adultez. Ou ainda, ao reler o que anotei de algumas falas de Maria Regina, que se indignava com o cativeiro da louca. Expressou que “*uma mulher que não baixa a cabeça é louca. Vi vários casos de mulheres que pariram sem ter casado e foram mandadas pra hospício ou pegaram fama de malucas. Ser mulher moça não era fácil, sempre uma constante provação. Se não diz amém, é fora da casa. Hoje em dia a coisa já tá até mudada, graças a Deus!*” um discurso carregado de muitos sentidos, mas ao mesmo tempo de esperança para as novas gerações. Já Maria Inês relatou em um dos encontros que “*(...) não adiantava ser pura ou bem comportada, tu tinha que parecer pura e bem comportada!*” Ela escancara a hipocrisia do meio social em sua criação, onde imperava o julgamento alheio

sobre o corpo e os modos, e não a realidade seja ela qual for. Essa dicotomia da freira *versus* a puta repete-se em muitas falas, até mesmo dos homens: “*hoje em dia tudo é libertinagem, mas na minha época a gente dividia mulher pra casar e pra se divertir*” foi a fala de um participante. A afirmativa foi prontamente rebatida por Maria Inês: “*engraçado que vocês não se enxergam. Se sexo fosse divisão de quem presta então todos os homens não são pra casar, pois se iam se divertir com uma e casar com outra, não tem fundamento o que tu diz*”.

Viver mais, nem sempre é sinônimo de viver melhor, pois é sabido que as mulheres são expostas durante sua vida a maiores riscos de violência, salários inferiores, dentre outras variáveis sociodemográficas que demonstram sua vulnerabilidade em decorrência do gênero (ALMEIDA et al, 2015, p. 116). Mulheres geralmente contam com uma rede maior de apoio, mas também vivenciam um maior impacto negativo gerado por estas relações sociais do que homens. A diferença entre os gêneros na necessidade de inserção social, maior em mulheres, pode nos levar a uma reflexão da diferença da necessidade de compartilhar sentimentos, problemas e eventos da vida. A necessidade de inserção social quando não suprida pode desencadear sintomatologias depressivas, como solidão e sentimento de inutilidade, pois a depressão é uma das patologias encontradas com grande frequência no público idoso (HAMMARSTROM et al, 2009; VELD, BRACKE, LEVECQUE, 2010; SONNENBERG et al, 2012). Em virtude do reconhecimento das transformações sociais e do aumento do número de pessoas idosas, principalmente mulheres, o fomento da inclusão social é entendido como abordagem geradora de cidadania, lazer e qualidade de vida a esse segmento populacional.

“*A estranha mania de ter fé na vida*” mesmo “*trazendo no corpo a marca Maria*”, a aparente sobrecarga que a maioria das mulheres enfrenta durante todo o percurso da vida, oferecendo cuidados quase sempre aos outros (ALMEIDA, 2015; LAGARDE, 2005), autoriza questionar, agora na pele de idosas, se elas experimentam maior autocuidado, autonomia, liberdade, convívio social saudável, relação satisfatória com familiares, dentre outras categorias importantes a serem exploradas no decorrer da pesquisa.

Tendo em vista toda a complexidade do envelhecer por si só, aliada ao fenômeno da feminização do envelhecimento e a deficiência de trabalhos que debatam relações de gênero na velhice, principalmente na área da Educação, o ato de tornar visível as histórias de vida dessas mulheres pode aprofundar o debate sobre as aprendizagens do ser mulher nas trajetórias de vidas. Por isso reforço a importância da continuidade do presente estudo e da divulgação científica do mesmo, escancarando a ciência das mulheres latino-americanas/brasileiras: “*essa gente que ri quando deve chorar e não vive, muitas vezes apenas aguenta*”.

PALAVRAS-CHAVE: Gerontologia Educacional. Epistemologias Feministas. Educação Popular. Educação de Jovens e Adultos. Pesquisa (Auto)Biográfica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandra Vieira et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, jan./jun. Porto Alegre, 2015

HAMMARSTROM, A; LEHTI, A; BENGS, C; JOHANSSON, E.E. Gender-related explanatory models of depression: a critical evaluation of medical articles. *Saúde Pública*, 2009.

IBGE. Projeção da População Brasileira: População por Sexo e Grupos de Idade. Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística. Brasília, DF, 2018. Disponível em: . Acesso em: 16 de junho de 2020.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4ª ed. México: UNAM, 2005.

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. Eu... uma pesquisadora narrativa: aprendendo a pensar e escrever narrativamente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 09, p. 966-982, set./dez. 2018

SONNENBERG, C.M et al. Gender differences in the relation between depression and social support in later life. *International Psychogeriatrics*, n 25, 2012.

VELDE, Sarah Van de; BRACKE, P; LEVECQUE, Katia. Gender differences in depression in 23 European countries. Cross-national variation in the gender gap in depression. *Social Science & Medicine*. n. 71, 2010. DOI: 10.1016/j.socscimed.2010.03.035.